



A ASSOCIAÇÃO
DE ESTUDOS
EUCLIDIANOS

Ano III - Nº 5
Outubro/1994

EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO

**O
B
e
r
r
a
n
t
e**

*(Edição fechada no divã
enquanto os redatores
estavam em crise)*

Versos satânicos

A história de um
"Febeapardo"

CADERNO DE IDÉIAS

CANUDOS.
IMPrensa.
ELEIÇÕES.
ÉTICA.

ESPECIAL

A SEMANA
EUCLIDIANA VISTA
PELOS PRÓPRIOS
MARATONISTAS

Cartas

A RESSURREIÇÃO DO ANJO - Passaram-se nove anos de minha maratona euclidiana, onde no início mantive correspondência com muitos companheiros, numa experiência realmente hipnotizadora. Veio o tempo, a faculdade, o casamento, e a distância tornou-se cada vez maior de cada um daqueles que, interessante, não me esqueço.

Qual não foi, então, minha surpresa, ao saber da existência desta Associação, com boletim e diretoria! Que alegria ver este dinamismo e esta disposição!

Deixo meus cumprimentos e um grande abraço!
(José Gabriel Bloes de Meira, o "Anjo", Itapetininga, SP)

PAU NELES - Fui maratonista no ano de 93, achei uma cachorrada o que aconteceu lá, e não concordo nem um pouco com os "ancões" da SE... Precisávamos fazer alguma coisa em favor da Semana Euclidiana, e o principal seria renovar a diretoria da Casa Euclidiana.

(Carla Cristina Hartung, Rio Claro, SP)

A VOLTA DE BETH CIDA - Venho (...) lamentar até ir pro túmulo com Euclides por não ter podido participar [da SE-94]. A saudade, as cartas dos amigos

feitos em Sanzé em 93, a severidade do Adelino e até mesmo as refeições e o péssimo alojamento são doces, doces lembranças que cortam o coração ao pensar que não estaria vivendo tais momentos ao lado dos amigos que aí fiz e gritando "volta, Euclides!"

(...) Vi uma coisa n' O Berrante que está me preocupando, é o fato dos diretores da SE excluírem os participantes das palestras paralelas. Eu fui uma delas, será que em 95 também seremos excluídos? (...) Por favor, dêem uma luz a esta pobre maratonista desesperada e excluída.

(Elizabeth Aparecida de Souza, São João da Boa Vista, SP)

RECADINHOS DO BELELÉU - Estou escrevendo para A Associação pedindo que mandem um beijão para toda a galera de participou do Ciclo de Estudos Euclidianos de 1994. Beijões especiais para a galera de Cantagalo (principalmente para a Patrícia), para a Simone (Vargem Grande do Sul), para a "Meg" (Mogi Guaçu), para a "Margarida" (São João Del Rei), para a turma de São José do Rio Pardo, e abraços para o "Ladrão" (Guaxupé), "Boa Vista" (São João), "Louco"

(Mococa), "Hiperid" [sic] (Salto), para a galera de Cantagalo, principalmente o Tobias (viadão [sic] do Ciclo de Estudos), e para a galera de Jundiá e Franca. Um abraço e um beijão para a "Vovó" (apelido que dei para ela - Rosaura Escobar).

(Luís Fabiano E. Bernardes, Campinas, SP)

MAGIA DA S.E. - A Semana Euclidiana foi muito gratificante. Nunca imaginei encontrar tal clima de harmonia e amizade com pessoas que eu nunca tinha visto antes. Achei muito interessante o espírito de coletividade e a luta d' A AEE pela dinamização da SE. (Wanderléa Sad Ballarini, Franca, SP)

PAU EM NÓIS - Aproveito a ocasião para demonstrar o meu repúdio aos "Cânticos Euclidianos".

Estou profundamente decepcionado com A AEE, uma entidade que nasceu com o propósito de enriquecer, com o brilhantismo dos seus fundadores, a própria estrutura cultural da Semana Euclidiana.

(Paulo Herculano, São José do Rio Pardo, SP)

Recebemos também carta de Lilian Spalding (Itú, SP) que, no entanto, pediu para não publicá-la. Uai, por que?

(Rio Claro); dia 7, Antinarbi Padilha (Sanzé); dia 9, Marcelo Ribeiro (Caconde); dia 10, Fábio Marcelo (Rio Claro); dia 19, Ana Cláudia (Casa Branca); dia 22, Soraya "Tomatinho" (SP); dia 27, Fernando "Mascote" (Campinas, from Itobi); dia 29, Danilo (Franca); dia 31, Janaína Cristina (Campinas).

EDITORIAL

"Aos vencedores, as batatas"

É extremamente infrutífero, para se dizer apenas o menos, ficar batendo na mesma tecla, naquele monocórdico "é preciso mudar é preciso!!..." , sem oferecer uma proposta concreta e factível para a Semana Euclidiana.

Os acontecimentos recentes são um retrato triste que, a contragosto, nos fazem retornar à mesmice e ao discurso considerado panfletário. Estamos de volta à pré-História, à estaca zero.

Com ares de doutíssimos, os senhores de fraques intelectuais apresentam a sua arrogância e se apossam de um movimento cultural, se tornando verdadeiros coronéis, daqueles mesmos que, a rigor, causaram o morticínio canudense. Levam, anexos, algumas unidades de inocentes úteis e fúteis que, qual papagaios, versam sobre quantas vírgulas há na página 123 da 3ª edição com a mesma erudição de quem faz um descoberta nobeliana. Esse grupelho fantasmagórico que usa e abusa do direito à mediocridade - direito este assegurado, se diga de passagem, pela sociedade que perpetua essa maneira tacanha e canhestra de pensar (sic!) - qualifica qualquer proposta, que não a própria, de absurda, de inconsistente.

Pois "está fundado o desvairismo!", a insubserviência aos dogmas burocrático-intelecto-fascistas! Independência ou Morte! Estamos fartos de semideuses. Será que só nós é que somos vis e errados nesse mundo?

Ao pé dos fatos, a evolução dos acontecimentos converge para a ruptura: que venham os inquiridos! No final, não restará mesmo muito para os vencedores, quiçá, como gostaria Machado de Assis, algumas miseras e incultas batatas ao lado dos corpos estatelados da cultura e da consciência nacionais.

"É tempo de murici, cada qual cuide de si."

André Luiz de Lima Daibes
Presidente d' A AEE

Proudhon, o ombudsman

Quando se diz que a Semana Euclidiana está a serviço de interesses e crenças pessoais, alguns se exaltam e até se ofendem; taxam os maratonistas de "radicais" e "subversivos", mas a grande verdade é que, cada vez mais, ocorrem fatos que evidenciam a falta de democracia, pluralidade de opiniões e, principalmente, respeito pelos que pensam diferente.

Caso dos mais absurdos foi protagonizado pelo prof. Adelino Brandão, coordenador da Área II do Ciclo de Estudos. Durante a palestra da profª Maria Terezinha Ventura ("Euclides e o momento histórico da literatura"), Brandão literalmente tomou a palavra dela para contrariá-la de forma veemente. A professora deve ter ficado estupefata. Ela foi convidada pelo próprio Ciclo de Estudos. Resultado: Adelino foi vaiado pela grande platéia de maratonistas presentes. Uma atitude igualmente condenável. Mas são os mestres que devem dar o exemplo.

A publicação de *Cânticos Euclidianos* foi ingênua. Não tinha a menor intenção de ofensa. Apenas atendia dezenas de pedidos dos próprios maratonistas. A AEE extrapolou em suas tarefas pró-associativas.

Depois de "radicais" e "subversivos", "freudianos". Waal!

Datas

Aniversários - Outubro: dia 1, Mariana (Cordeirópolis); dia 13, Mário (Botucatu); dia 14, Lucimar (Cantagalo); dia 15, Laís (SP); dia 17, Raquel, (Sanzé); dia 19 Luís Fabiano "Beleléu" (Campinas); dia 25, Guilherme (Sanzé) e Inês Maria (Itú); dia 28, Patrícia Boro (Campinas); dia 31, Niédila (Mogi Guaçu).

Novembro: dia 4, Elaine Cintra (Franca); dia 9, Humberto da Silva Sauro (SP, from Franca); dia 11, Andréa Cristina (Dois Córregos); dia 20, Priscilla Gomes (São Paulo); dia 21, Fabrissa (Franca).
Dezembro: dia 4, Maria Cecília

VERSOS SATÂNICOS

O livro *Versos Satânicos*, do escritor inglês Salman Rushdie, foi considerado ofensivo ao islamismo por seus dirigentes. Rushdie foi condenado à morte pelo Aiatolá, e tem que viver escondido para escapar da caça dos fanáticos fundamentalistas. Se os versos foram ofensivos ou não, isso é uma outra história. O que há aí é um grave atentado à liberdade de expressão, garantida na Declaração Universal dos Direitos do Homem.

Os *Cânticos Euclidianos* foram considerados ofensivos pelos governantes riopardenses. A Câmara de Vereadores da cidade nos oficiou com uma Moção de Protestos (página ao lado), o que caracterizou uma atitude condenatória à revelia, pois nem fomos procurados para dar qualquer esclarecimento e proceder a nossa defesa.

Não é o caso de compararmos este episódio com o do livro *Versos Satânicos*. Trata-se apenas de uma metáfora. Como ocorreu a Rushdie, A AEE não teve oportunidade de se defender, se explicar, ou até mesmo se retratar. A sociedade riopardense criou a sua versão dos fatos e se fechou com ela. Se Rushdie causou celeumas ao culto islâmico, e por isso é perseguido, A Associação é abominada em Rio Pardo por ter “abalado os pilares do culto euclidiano, a moral e os bons costumes.”

A AEE reconhece o equívoco de publicar os *Cânticos*. Nos últimos meses recebemos dezenas de pedidos para editar as músicas que são, tradicionalmente, cantadas pelos maratonistas desde

Moções, mocinhos e bandidos

Cânticos Euclidianos escandaliza Sanzé e provoca tempestade em copo d'água

tempos imemoriais. A AEE é uma entidade quase que exclusivamente formada por maratonistas e, somente por isso, resolveu atender os pedidos de seus representados.

Passaram a transitar por Sanzé interpretações equivocadas do ocorrido. Primeiro os *Cânticos* foram considerados como uma maneira deliberada d'A AEE atingir os organizadores da SE. Embora eles não acreditem, não houve a menor intenção de ofensa. Em seu discurso na Câmara, o vereador Fernando Torres (propositor da moção À AEE) disse que a divulgação das músicas “não se pode simplesmente atribuir a uma impensada e despreziosa atitude jovem.” Mas o pior é que é isso mesmo.

Em segundo lugar, ao contrário do que as pessoas estão pensando, A Associação não é autora das músicas, e não pode ser responsabilizada pelos seus conteúdos. As canções são de autoria desconhecida, e foram passando, pelos tempos, de uma geração de maratonistas para outra.

A iniciativa da Câmara Municipal de nos protestar foi derivada de um ofício enviado pelo diretor da Casa Euclidiana, Álvaro Ribeiro Neto, aos vereadores (página ao lado). A diretoria d'A Associação considerou isso uma manobra política para continuarem nos mantendo distantes da organização do Ciclo de Estudos. Álvaro diz que apenas defendeu o euclidianismo: “Eu achei as músicas ofensivas e dei ciência à Câmara e ao prefeito, porque, na minha opinião, elas ofendem uma coisa muito significativa na cidade”, disse ele em entrevista à *Gazeta do Rio Pardo*. Apesar de não ter existido o direito de defesa d'A AEE, a entidade resolveu exercê-lo por sua conta e risco. Mandou um ofício de desagravo à Câmara (V. páginas 6 a 9). Até o fechamento desta edição, nada de resposta.

A novela (dramalhão?) da “polêmica dos *Cânticos*” renderia mais capítulos. Ocupou duas páginas da edição de 24 de setembro da *Gazeta do Rio Pardo*, que entrevistou também a Raquel,

nossa diretora. A matéria saiu com alguns equívocos. Reduziu A Associação a uma entidade “formada por universitários ex-maratonistas, todos de São Paulo.” Na verdade, nossos quadros possuem universitários, secundaristas, professores, meros simpatizantes, e espalhados por inúmeras cidades de São Paulo, Rio e Minas. O texto também lembra pendengas entre A Associação e a Casa Euclidiana, que são antigas. “Com esses ‘Cânticos Euclidianos’ o contato está interrompido”, diz Álvaro Neto. Que contato?, perguntamos. Seguem-se algumas alusões à necessidade de se promover mudanças na Semana Euclidiana. Relembramos as dificuldades do passado, como em 93, quando tentamos produzir um seminário e fomos taxados de “paralelos”. Álvaro insiste em dizer que foi “a própria Associação que quis fazer um movimento (sic) paralelo.” A AEE já desmentiu e esclareceu isso seguidas vezes, como no já célebre artigo “Encontro de paralelos”, assinado pelo diretor Mário Baldini (*O Berrante* nº 3, jan./fev. 94). Mário, aliás, acha que toda essa “polêmica” só serve para encobrir a discussão dos reais problemas da SE, e diz que há coisas mais importantes com que se preocupar. (V. artigo na pág. 9).

Mas parece que Rio Pardo ainda não achou assunto mais importante, e dá sinais de que a novela continuará. No momento de fechamento da edição chegou a informação de que a Promotoria da cidade mandou abrir um inquérito contra A AEE. E que siga o “Febeapardo”. Numa alusão à obra de Stanislaw Ponte Preta (*Febeapá - Festival de Besteiras que Assola o País...*).

O ofício da Casa Euclidiana

“Senhor Vereador,

Passo às mãos de Vossa Excelência panfleto distribuído em São José do Rio Pardo pela Associação de Estudos Euclidianos, com sede em São Paulo. Trata-se, a meu ver, de um atestado de ofensa - devidamente assinado - aos bons costumes e à moral. Mais que isso, uma deturpação - para dizer o mínimo - do culto que a cidade dedica com seriedade ao imortal Euclides da Cunha, configurando uma tradição que deve ser preservada a todo custo, que deve ser respeitada integralmente em todos os seus aspectos já que por seu valor intrínseco tem superado dificuldades, vontades pessoais, tendências políticas, e épocas, desde o início do século. Quem desmerece o euclidianismo, ofende a cidade.

Sendo a Câmara uma instituição que sempre valorizou os costumes e tradições da nossa São José do Rio Pardo, notadamente no que se refere à SEMANA EUCLIDIANA, julguei oportuno dar conhecimento deste triste episódio aos vereadores para que, eventualmente, seja tomada alguma medida.

Da mesma forma serão enviadas cópias ao Prefeito Municipal, ao Departamento de Cultura do DECET e ao DECET.

Atenciosamente,

ÁLVARO RIBEIRO DE OLIVEIRA NETO

DIRETOR DA CASA DE CULTURA EUCLIDES DA CUNHA”

O protesto dos vereadores

*Requeremos à Mesa, ouvido o Plenário na forma regimental, que se oficie à Associação de Estudos Euclidianos, com sede em São Paulo, apresentando-lhe **MOÇÃO DE PROTESTOS** pela forma desrespeitosa e agressiva com que se portou na recém-finda Semana Euclidiana, em São José do Rio Pardo.*

Através da distribuição de um panfleto denominado ironicamente “Cânticos Euclidianos nº 1”, a referida entidade revelou atitudes e idéias avessas aos objetivos do evento, capengas na contribuição ao euclidianismo, manquitolas no desenvolvimento da cultura, retardadas na reflexão da mensagem que se estuda e se pereniza, indecentes na proposta que se executa e freudianas na análise profunda de suas causas.

Aprovada esta propositura, que por cópia se dê ciência à Casa de Cultura Euclides da Cunha, de São José do Rio Pardo, ao Grêmio Euclides da Cunha (SJR), ao Departamento de Cultura do Decet, ao Prefeito Municipal, aos jornais e rádios locais, para que conheçam a deliberação desta Casa tomada em nome do euclidianismo de 82 anos e de uma comunidade tradicional, culta, respeitosa e respeitada.

Sala das Sessões, 23 de agosto de 1994.
Ass. Vereadores Antonio Fernando Torres, Luiz Osvaldo Merli e José Carlos Xavier.

A resposta d'A AEE

São Paulo, 21 de setembro de 1994

À Câmara Municipal de São José do Rio Pardo
A.c.: Exmo. Sr. Luiz Osvaldo Merli
Presidente da Câmara Municipal

Prezados Senhores,

Repletos de aflição estão nossos íntimos, ao mirarmos coagidos a confutar as ignomínias a nós assacadas por essa tão insigne instituição democrática.

Incontáveis são as razões que nos incitam, no entanto, a retorqui-las, o que se faz necessário; a um para impedir que tão célebre entidade, esteio da sociedade democrática, cometa tal inenarrável atentado à própria democracia; a dois para exigir de V.Exas. o indispensável direito de contestação, contraditório e ampla defesa; e, finalmente, a três para elucidar a procedência, a causa de ser e o escopo da malfadada publicação que, mais sério do que melindrar a sociedade Riopardense, teve o condão de consumir o precioso tempo de V.Exas., o que, em tempo algum, foi intuito desta agremiação.

Não nos permitimos, entretanto, quedar silente, ante a tamanha injustiça e a tais impropérios, vez que muito se distanciam da realidade, consubstanciando-se em repugnante manobra, da qual somos todos vítimas, tanto esta associação, quanto essa nobre instituição.

A realidade, Exas., é bem diversa daquela, c a l u n i o s a m e n t e apresentada a V. Exas. e imperdoavelmente adotada por essa casa.

"Não nos foi concedido o direito constitucional de defesa e do contraditório. Não nos permitimos, entretanto, quedar silente ante tamanha injustiça."

Acaso fosse-nos concedido o direito constitucional de defesa, ter-se-ia elucidado os reais acontecimentos e, dessa forma, obtido o injusto, unilateral, e, em razão disso, inadmissível julgamento a que fomos submetidos, no qual foram utilizadas práticas que remontam o triste período em que nossa Pátria restou submetida aos terrores da ditadura militar.

Não há que se admitir que essa instituição, sustentáculo da democracia, tenha praticado ato de tal maneira anti-democrático, pois o princípio da ampla defesa está consagrado na própria Carta Política, promulgada em 5 de Outubro de 1988, que em seu Artigo 5º, inciso LV, assim dispõe: "LV - aos litigantes, em processo judicial ou administrativo, e aos acusados em geral são assegurados o contraditório e ampla defesa, com os meios e recursos a ela inerentes."

Como bem puderam V.Exas. verificar, a Carta Magna é perfeitamente explícita e inequívoca ao invocar e consagrar a ampla defesa e o contraditório, inclusive nos **Direitos e Garantias Fundamentais**, elencados no seu Artigo 5º.

Em se tratando de **Direitos e Garantias Fundamentais**, não se pode admitir que essa instituição tenha deixado de se ater aos mesmos, julgando e, o que é ainda pior, proferindo uma decisão condenatória, sumária e à revelia desta agremiação.

Cabia a V.Exas., enquanto representantes da sociedade Riopardense e defensores da democracia, antes de adotar qualquer juízo acerca da situação apresentada, ouvir, necessariamente, todas as partes envolvidas e

principalmente **A Associação de Estudos Euclidianos**, que, aí sim, estaria sendo submetida a um verdadeiro julgamento, extraordinariamente ocorrido perante o poder legislativo, mas que deveria, de qualquer maneira, estar submetido aos princípios constitucionais da ampla defesa e do contraditório.

Isto posto, entendemos ser imprescindível que essa notável casa, na vã tentativa de emendar o seu incomensurável tropeço, venha a oficialar-nos novamente, bem como a todas as autoridades e órgãos de imprensa já oficiados, para declarar irritado o equivocado julgamento a que fomos sumariamente submetidos.

Não obstante entendermos que nos foi negado por V.Exas., de forma inaceitável, o direito constitucional do contraditório, passaremos, por nossa conta e risco, a proceder à referida defesa, como se nos houvesse sido atribuído tal direito, nos moldes do disposto pela Carta Magna.

Preliminarmente devem ser elucidados a procedência, a razão de ser e os escopos de referida publicação, para que, dessa forma, possam V.Exas. entender as razões de sua edição.

Os Cânticos Euclidianos, como V.Exas. podem facilmente comprovar mediante a simples oitiva de qualquer maratonista ou ex-maratonista, são, na realidade, mera compilação de solfas cuja lavra é, na maioria das vezes, absolutamente ignorada e data de Semanas Euclidianas remotas, tendo sido elaboradas por ex-maratonistas no transcurso das respectivas Semanas.

Não se pode atribuir, portanto, **À Associação** a autoria das letras, mas tão somente a sua divulgação.

Tornou-se necessária, no entanto, a compilação das músicas, por exigência dos próprios maratonistas que, demonstrando enorme interesse em conhecê-las, solicitaram **À Associação** que as publicasse, para que pudessem ter acesso facilitado às letras e melodias.

Deve ser esclarecido que muito antes da edição dos Cânticos, as músicas já eram cantadas e divulgadas pelos maratonistas, boca a boca, cabendo **À Associação**, enquanto única entidade composta por ex-maratonistas e também única entidade próxima o bastante para conhecer os seus anécdotos, publicar as

referidas músicas, facilitando, assim, o acesso dos maratonistas às mesmas.

Elucidada a procedência das solfas, resta esclarecer a sua razão de ser.

Como bem disse o Professor Márcio Lauria, na data em que foi proferida a Conferência Oficial da Semana Euclidiana de 1988, a impetuosidade dos jovens é muitas vezes injusta, mas é ela que move a humanidade. Esta chamada impetuosidade é, na realidade, uma necessidade constante de revolucionar os valores, a moral, os costumes. Necessidade essa que, jamais, nenhum professor, diretor, vereador ou protesto conseguirá deter.

A mentalidade da juventude guia-se por si só. Cabe aos educadores possibilitar o seu crescimento e desenvolvimento, mas jamais pretender tolhê-la, detê-la, julgá-la ou censurá-la. Não há razão que justifique os termos constantes das músicas, mas não é papel dos educadores censurá-las ou se ofender com as mesmas. É preciso saber entendê-las e respeitá-las.

O mesmo jovem que compõe as músicas é capaz de elogiar e ajudar a melhorar o Euclidianismo, desde que estimulado a fazê-lo. Não se pode esperar dos jovens uma resposta positiva ante algo que em nada, repita-se, em nada, se adequa aos seus interesses.

As letras não manifestam nenhum ódio ou desrespeito a pessoas, entidades ou ídolos. Manifestam, sim, a ridicularização dos jovens ante à total inadequação dos mesmos aos seus próprios interesses. Cabe aos educadores, enquanto operários na formação desses jovens, adequar-se aos seus anseios, respeitar as suas reações e, principalmente, abrir espaço para que os seus representantes possam contribuir para a melhoria de suas próprias vidas.

Podemos citar ainda o próprio Euclides da Cunha com seu conhecido "ou progredimos ou desaparecemos", que bem retrata a situação imposta à Semana Euclidiana pelos pseudo-educadores que a tem como objeto de seu próprio patrimônio, mas que, por não saber sequer entender a forma de manifestação do seu público alvo, permitem-se, absurdamente, censurá-la e, o que é ainda pior,

"A mentalidade da juventude guia-se por si só. Cabe aos educadores possibilitar o seu crescimento e desenvolvimento, mas jamais pretender tolhê-la"

utilizá-la em seus objetivos politiqueros, desprezíveis e inescrupulosos.

Por último resta elucidar os escopos de referida publicação. Como se disse, **A Associação de Estudos**

"Os Cânticos Euclidianos tinham o único objetivo de reunir os maratonistas, facilitar a sua aproximação, fazer deles um grupo de amigos"

Euclidianos de carteirinha, dos políticos, nem tampouco dos tais pseudo-educadores. Nos interessa sim atender os desejos dos maratonistas, obter a sua atenção, o seu apoio.

Assim é que, em decorrência das solicitações desses maratonistas, compilamos as antigas músicas, editando os Cânticos Euclidianos que, muito antes de se tornarem causa de escandalização da sociedade Riopardense, tinham o único objetivo de reunir os maratonistas, facilitar a sua aproximação, possibilitar a sua transformação em um grupo coeso, único, impetuoso e lutador.

Referido objetivo, absolutamente distorcido pelos pseudo-educadores e por V.Exas., felizmente surtiu efeito. Tivemos uma Semana Euclidiana com mais de cem maratonistas e conseguimos uni-los. Fazer deles um grupo de amigos. Amigos nas aulas, mas amigos também na hora das bagunças, na hora das cantorias. Infelizmente, não conseguimos agradar a todos, mas nos contentamos com o objetivo alcançado. Esperamos, isso sim, que V.Exas. revejam suas posições e entendam nossas razões. Não lhes pedimos que aprovem as músicas, mas que saibam respeitá-las e entender a sua razão.

Manifestado o nosso repúdio à ausência de possibilidade de defesa anterior à nossa condenação e esclarecidas a procedência, razão de ser e os escopos da publicação, cabe, agora, elucidar as razões que, na realidade, levaram o Diretor da Casa Euclidiana a reclamar de V.Exas. uma atitude contrária à Associação, tendo como pretexto a publicação de tais músicas.

Desde a Semana Euclidiana de 1987 A Associação de Estudos Euclidianos vem tentando obter junto à Casa Euclidiana espaço para cooperar na realização do evento, trazendo consigo propostas, planos, contatos e, principalmente, disposição, que poderiam, e muito, ajudar a Casa na organização das SE's.

A reação da diretoria da Casa, no entanto, desde o começo, tem sido afastar-nos e impedir a nossa participação, por entender que a nossa presença desestabiliza a situação de total inércia, na qual está afundado o movimento euclidiano, mas que favorece os interesses pessoais mesquinhos de seus dirigentes.

As nossas propostas são claras, diretas, prevêm a participação da iniciativa privada no engrandecimento de um evento de renome nacional, mas que, no nosso entender está fadado ao desaparecimento, face à sua submissão total a esses interesses pessoais, que nada têm de próximo com o movimento Euclidiano em si.

Não somos Riopardenses. Não somos professores. Não

escrevemos nem vendemos livros. Não ganhamos nem pretendemos ganhar prestígio ou dinheiro com a Semana Euclidiana. Somos advogados, jornalistas, bancários e universitários, mas, antes de tudo, fomos contaminados pelo Euclidianismo que conhecemos em São José do Rio Pardo, do qual estamos assistindo o fim, sem, contudo, podermos evitá-lo.

Queremos participar! Queremos contribuir! Queremos melhorar!

Não queremos desmerecer o que já existe, até mesmo porque nos encantamos pelo Euclidianismo

"Não lhes pedimos que aprovem as músicas, mas que saibam respeitá-las e entender a sua razão"

através dos professores que já aí estão. Entendemos, no entanto, ser imprescindível uma total reformulação, remodelagem do que já existe, objetivando exclusivamente a melhoria e a perenidade do movimento.

Não nos cabe julgar os atos praticados pela diretoria da Casa, mas nos cabe denunciar as manobras efetuadas para nos impedir de participar do movimento Euclidiano Riopardense.

O que não conseguimos entender é que, a nossa iniciativa e participação, ao invés de ocasionar o orgulho de nossos mestres, iniciadores, provoca o seu ciúme, a sua reprovação, a sua oposição.

Pergunta-se: que educador é esse que ao ver o seu próprio aluno participando, ajudando, cooperando, não só deixa de estimulá-lo e de se sentir orgulhoso, mas, pelo contrário, o coloca na posição de inimigo, opositor e, assim, impede o seu acesso, sufoca a sua iniciativa, desaprova as suas posições?

Não se pode, definitivamente, chamar esses indivíduos de educadores. Sua única e verdadeira intenção é a auto-promoção, a divulgação de seu trabalho, o que seria praticamente impossível em outros lugares, mas que está garantido, enquanto perdurar a atual situação do movimento Euclidiano.

Concluindo. Nossa única intenção é a participação para salvar o movimento da decadência e dos pseudo-educadores. No que diz respeito à Moção a nós enviada esperamos que V.Exas. tentem, pelo menos, corrigir a enorme injustiça que fizeram. Quanto à Publicação, cremos ter esclarecido não só as suas razões, mas também a razão de tamanha revolta por parte da direção da Casa Euclidiana.

Sendo só o que tínhamos e nos colocando à disposição de V.Exas. para os esclarecimentos que se fizerem necessários, subscrevemo-nos.

Atenciosamente,

A Associação de Estudos Euclidianos
André Luiz de Lima Daibes - Presidente
Humberto Luiz Balieiro - Vice-presidente

ARTIGO

Cantigas de maldizer

"What shall do a man but to merry..."

Estaríamos nos rindo à larga de toda essa celeuma plantada em torno dos *Cânticos Euclidianos*, se ela não nos parecesse ter por objetivo maior simplesmente fazer poeira em torno da questão fundamental da Semana Euclidiana, aquela qual que A Associação tem posto em pauta desde sua criação: a questão da SE enquanto evento gerador de cultura.

Não perdemos o respeito pela nobre edilidade riopardense, a despeito dela nos ter - à revelia - mocionado protestadamente. Louvamos o espírito de corpo da Casa, aprovando tal moção por unanimidade, mas perguntamos: teria por acaso a edilidade aprovado - ainda que por maioria simples - alguma moção de protesto pelo descaso com que a Secretaria de Estado da Cultura vem tratando as sucessivas Semanas Euclidianas? Se sim, somos os primeiros a dizer: bravo! Se não, ora,...

As músicas contidas nos *Cânticos Euclidianos* não foram por nós - enquanto Associação - inventadas. Elas seguem, na boca dos maratonistas, desde tempos imemoriais. O que A Associação fez foi dar forma concreta, palpável, legível, cifrada para violão, à boa e velha tradição mnemônica. Se foi uma iniciativa louvável ou deplorável, isso é questão de ponto de vista. O fato é que os *Cânticos* se esgotaram, chegando hoje a serem disputados a peso de ouro no mercado negro euclidiano.

Da nossa parte este assunto está encerrado, porque temos coisas mais úteis a fazer do que ficar discutindo música. Aqueles que não têm sobre o que mais dizer que o façam.

Mário Eduardo B. Baldini
(Secretário-Geral d'A AEE)

SE-94

Frases

“O martírio do homem nasce do martírio secular da terra”

Rachel (Campinas), numa tarde de arroubo inspirador

“Palmas galotianas!”

“Tia” Regiane (Jundiaí/São Carlos), evocando o Fli, o cântico euclidiano preferido do dr. Galotti

“Porra, essa Semana Euclidiana é mesmo muito boa!”

Ricardo (Cristais Paulista), no momento exato em que era contagiado pelo vírus euclidiano

“Somos todos jagunços. Eu sou um jagunço da educação”

Prof. Stênio, na sua palestra

“Eles são da turma do barulho”

Rachel (Campinas), falando dos diretores d’A AEE ao prof. Adelino Brandão

“Eles são da turma da avacalhão. Nós é que somos a turma do barulho”

Resposta de Adelino a Rachel, momentos antes dele confiscar um exemplar d’O Berrante

“Menas!”

Danilo (Franca), a qualquer momento, a qualquer motivo

De ontem

“Amor de maratonista é assim mesmo. Hoje beija, amanhã não beija, depois de amanhã só Deus sabe...”

Rildo (São Paulo), no rescaldo da SE/86

Somos TODOS jagunços

Definitivamente, o meio não determina o homem. Sorte dos maratonistas-jagunços que, apesar da má qualidade do alojamento e da alimentação, fizeram da Semana Euclidiana um momento muito especial de suas vidas

SE-94. A Semana que marcou a vida de muita gente. A Semana do Ranchão, o bar recém-inaugurado que se tornou o novo *point* dos maratonistas. A Semana dos *Cânticos Euclidianos* que, apesar de serem cantados há anos, desta vez escandalizaram a sociedade riopardense. A Semana que foi recordista em participantes - cerca de 150, segundo a Casa Euclidiana, sem incluir o pessoal local. A Semana em que a Associação mais que dobrou o seu quadro de filiados e esgotou as tiragens d’*O Berrante*, inclusive dos números antigos. Foi, enfim, uma Semana em que se aprendeu muito e se viu surgir novos jovens euclidianos de valor.

Foi também a Semana dos velhos problemas. Criou-se o *triatlo* (“*ironman*”) *euclidiano*. Além da maratona das conhecidas palestras, em sua maioria difíceis de se absorver, o maratonista teve que enfrentar duas outras provas desgastantes: a má qualidade da

alimentação e dos alojamentos. Ambos os itens foram reprovados, respectivamente, por 52,1% e 47,8% dos maratonistas, em pesquisa realizada pel’*O Berrante* junto àqueles que foram cadastrados pel’A AEE durante a SE. Outros 21,7% consideraram o alojamento e a alimentação apenas regulares. “Pessoas dormiram em banheiros fedidos”, sintetiza o colega Luís Fabiano Bernardes (Campinas). “Aprendi que meu quarto é o máximo e minha cama melhor ainda, que a comida de minha mãe é deliciosa, e a valorizar mais minha cidade”, diz Niédila do Carmo Aguiar (Mogi Guaçu). Não será surpresa se surgir mais algum “cântico” sobre isso...

Mas mesmo assim a Semana Euclidiana foi considerada válida, inesquecível, revolucionária, gratificante, e modificou visões de mundo, ampliou o universo de amizades, abriu horizontes culturais, enfim, os maratonistas passaram a se sentir mais vivos. São todas elas expressões e

palavras criadas e reveladas por maratonistas de todos os anos, e em 94 não foi diferente. Por isso, quase todos (95,6%) querem retornar em 95 (contra 4,4% que não o pretendem).

Ter contato com o euclidianismo foi, para muitos colegas, uma oportunidade impar. “É uma coisa que vou levar para o meu túmulo”, radicalizou Rodrigo Simão Alvares (Ourinhos). “Nunca imaginaria que teria a sorte de conhecer coisas novas, pessoas diferentes que se interessam pela cultura. Espero ter sorte de voltar”, resume todo o seu encantamento Viviane Martins de Andrade (Cantagalo). De fato, a maioria gostou do que viu e ouviu. Conteúdo das palestras e nível dos palestrantes foram aprovados (entre ótimo e regular), respectivamente por 91,2% e 95,5% dos entrevistados. Deve-se registrar que 82,6% participaram da SE pela primeira vez.

Apesar desse alto nível de aceitação, choveram críticas e sugestões à forma como as aulas

EFEITOS DO VÍRUS

“Alguns esperam ansiosos o ano todo até que chegue agosto; outros chegam a São José sem saber de nada do que os espera, perdidos... Será uma semana. No primeiro dia os calouros pensam na falta da comidinha da mamãe, saudade de casa!!! Outros já começam a curtir desde o primeiro dia a liberdade. São brincadeiras, namoros, amigos, noites de insônia, olheiras, ressaca total. Não pense você que é uma coisa passageira, uma semana e pronto. Tenha certeza de que é inesquecível e permanente a aventura da SE. Momentos esses que só trazem uma sensação: ‘saudade!!!’ E quem é que queria ir embora no final???”

Leila Lotti M. de Oliveira, São José do Rio Pardo

“Os sete dias da Semana Euclidiana foram os melhores da minha vida.”

Emilene Oliveira de Souza, Itú

“É uma experiência inesquecível, você sempre tem vontade de voltar no próximo ano, mesmo que seja por conta própria, pois é muito bom conhecer pessoas novas. Oh, bosta! Mas a gente gosta!”

Gustavo O. Nakabayashi, Campinas

“Fazer novas amizades e estudar sobre Euclides da Cunha representou para mim como se fosse a semana do outro mundo. Em um lugar totalmente diferente de onde moro.”

Paulo César Rabelo Flores, Cantagalo

“A Semana Euclidiana foi um marco na minha juventude. (...) realmente muda muito nossa maneira de ver as coisas, deixando-nos mais loucos do que já somos!”

Vivian Rondon, Mogi Mirim

“A Semana Euclidiana significou(a): pensar, criticar, amar, odiar, adaptar(-se), valorizar, conhecer, sorrir, chorar (principalmente na rodoviária) e, acima de tudo, ANDAR.”

Luciana Martinez Ceccato, São Paulo

“O que radicalizou legal é que antes eu não bebia cerveja e agora bebo”

Niédila do Carmo Aguiar, Mogi Guaçu

“NEO-EUCLIDIANISMO”

“O ideal seria que o euclidianismo, além de um projeto cultural, fosse reconhecido, sobretudo, pela convivência social entre jovens”

Emilene, Itú

“O futuro do euclidianismo deve ser a integração das épocas, dos temas e das atitudes, e não a fragmentação das idéias”

Luciana, São Paulo

são conduzidas. Na maioria são idéias há muito defendidas pela AEE, revelando que a entidade continua sintonizada com as aspirações dos maratonistas. Somente 5,7% das críticas/sugestões diziam que nada precisaria mudar. Mas na maior parte delas os colegas reclamam da falta de uma ponte do euclidianismo com a atualidade, pediram mais dinamismo às aulas, organização de debates e atividades extras, realização de seminários e grupos de trabalho, convite de

palestrantes com diferentes visões para provocar o confronto de idéias, diminuição da carga horária das aulas, maior integração professor/maratonista, uso de métodos áudio-visuais, maior transcendência ao

euclidianismo através da discussão de outros temas (educação, história, política etc), e por aí vai. “O Euclidianismo deveria estar mais voltado à atualidade, à realidade nacional, já que se pressupõe que um novo maratonista tenha informações biobibliográficas sobre Euclides”, diz William Gonçalves Cardoso (Osvaldo Cruz), que participou da maratona pela terceira vez. Lillian Spalding (Itú) reclama por “mais debates, porque só despejar informações não leva a nada.”

Agora que a Semana Euclidiana acabou é hora de pensar em tudo o que ficou. Cultura, vivência, amigos, histórias, sentimentos.

“É necessário não deixar que as lembranças da Semana Euclidiana morram com a imposição do tempo e do espaço”

Mas não é só isso. É necessário não deixar nada disso morrer com a imposição do tempo e do espaço. Foram feitas diversas sugestões para a AEE aprimorar o seu trabalho e para promover a integração dos maratonistas no período pós-SE. A proposta campeã (62,5% das idéias) é realizar encontros periódicos em diferentes cidades. Essa já é uma vontade antiga, e que se salientou de 93 para cá. Em fevereiro deste ano se convocou os maratonistas para um encontro/reunião em Rio

Pardo. A idéia não vingou, compareceram apenas QUATRO colegas! Mesmo assim o projeto não foi abandonado. Está sendo organizado um novo encontro, desta vez em Franca, marcado para fins de novembro (V. página 17).

Outra sugestão de destaque foi abrir *O Berrante* para a participação dos sócios. Nem precisaria ser dito. Este periódico é, desde sempre, completamente aberto à participação dos leitores, seja por cartas, artigos, ilustrações, poemas, crônicas, pequenos contos etc. O *Caderno de Idéias* (que estréia nesta edição) é um espaço ampliado para colaborações sobre qualquer tema de interesse geral. Estão todos convidados.

No box da página 11, manifestações típicas dos maratonistas que foram contaminados pelo incurável “vírus euclidiano”, e que resume muito bem o que todos sentimos após mais uma SE. Oh, fudega!

PESQUISA Os números

Recepção:

Ótimo/Muito bom - 30,4%
Bom - 13%
Regular - 34,8%
Ruim/Péssimo - 21,7%

Alojamento:

Ótimo/Muito bom - 8,7%
Bom - 21,7%
Regular - 21,7%
Ruim/Péssimo - 47,8%

Alimentação:

Ótimo/Muito bom - 8,7%
Bom - 17,4%
Regular - 21,7%
Ruim/Péssimo - 52,1%

Local e infra-estrutura das palestras:

Ótimo/Muito bom - 34,7%
Bom - 39,1%
Regular - 13%
Ruim/Péssimo - 13%

Conteúdo das palestras:

Ótimo/Muito bom - 52,1%
Bom - 17,4%
Regular - 21,7%
Ruim/Péssimo - 8,7%

Nível dos palestrantes:

Ótimo/Muito bom - 52,1%
Bom - 30,4%
Regular - 13%
Ruim/Péssimo - 4,4%

Adequação dos temas discutidos:

Ótimo/Muito bom - 43,4%
Bom - 30,4%
Regular - 17,4%
Ruim/Péssimo - 8,8%

Atividades culturais extras:

Ótimo/Muito bom - 43,4%
Bom - 26%
Regular - 21,7%
Ruim/Péssimo - 8,8%

Trabalho desenvolvido pela Associação:

Ótimo/Muito bom - 78,2%
Bom - 21,7%

ARTIGOS

"VASTAS emoções e PENSAMENTOS IMPER- FEI- TOS"

Cinco diferentes artigos com aspectos e visões distintas sobre a Semana Euclidiana

A dor do parto

Chegou ao fim mais uma Semana Euclidiana. Cada ônibus que parte da rodoviária, levando os amigos, é como um pedaço que se arranca de mim. É a dor do parto...

Os anos passam (e já se passaram oito desde a minha primeira SE) mas a dor é sempre a mesma. Oh, shit, mas que dor gostosa é essa? Após 15 de agosto tudo é tão frio, pálido e desinteressante. O mundo já não parece o mesmo. As pessoas, menos ainda. O que era certo já se torna duvidoso. O que era bom virou apenas tédio. O que era importante perdeu completamente o valor. Mas o que era complicado ficou simples. O que era improvável virou realidade. O que era desejo virou ação. Onde estava vazio ficou a saudade. Onde havia apenas um cenário, agora há

uma história. Em nossa sala de espera havia somente uma simples porta, mas foi por ali que entrou a vida.

Sei que é o “vírus euclidiano”. Sei que estou febril. É a febre e o delírio da paixão - a emoção da vida. É como diz a música: “... a beira do caos, 42 graus de febre contente...”. Sim, eu estou perdido. Deponho as minhas armas. Sim, eu quero mais. Quero a delícia do delírio. O brilho juvenil. O clarão dos olhos. A explosão da boca. O poder do gesto. Não há resistência, não há cura, não quero a cura. Quero sentir a dor e me satisfazer com ela. Quero provar de seu choro e de sua alegria. Quero olhar em frente e seguir. “Amar se aprende amando”, diz Drummond.

Hoje é 16 de agosto. O resto é imperfeito.

Marcelo Lopes (São Paulo)

ARTIGOS

Ultramaratona

Era uma da madrugada e, às vésperas de mais uma Semana Euclidiana, lá estava eu na estação ferroviária da minha pequena cidade do interior (Osvaldo Cruz, oeste paulista), com a cara e a coragem, pronto para enfrentar mais uma longa e nem sempre benucedida viagem. Destino: SANZÉ DO RIO PARDO. Sabia o problema que teria pela frente, a fudega estava apenas começando...

Subi ao vagão e enquanto arrumava as malas no lugar certo, prestava atenção na limpeza do lugar. Como estava vazio, achei aquilo um tanto quanto estranho. E o chefe do trem também. Aquela era a primeira classe e, por acaso, a minha passagem era de segunda.

Então aquele senhor gordo, com cara de bonachão, me convidou “gentilmente” para que fosse ao lugar indicado no bilhete, com frases do tipo “corre que ainda tem banco sem ninguém lá na segundona”.

Quando cheguei ao último vagão do trem, o cheiro azedo de cachaça misturado com cigarro de palha, vindo de uma senhora que tinha lá seus cinqüenta anos, fez com que eu pensasse seriamente em descer na próxima parada, mas maratonista é maratonista, não tem medo de cara feia (que o diga Félix, o Malvado), e segui em frente dividindo o banco com um moleque pentelho, do qual o pai, que estava tomando “umas e outras” logo atrás, se livrara havia algumas

estações.

Já havia passado quase dez horas de viagem quando, em Rio Claro, o chefe passa avisando que um vagão do trem que ia à frente tinha descarrilado num lugar chamado Tatú (?), e ficaríamos parados por tempo indeterminado. O Euclidão não estava mesmo querendo ajudar... Minha paciência de maratonista em alojamento acabava ali. Em Rio Claro fui à rodoviária e peguei um ônibus para Campinas. Lá fiquei esperando uma hora por outro que me levaria a Sanzé, onde, depois de dezesseis horas, chegava eu para minha outra maratona... A volta? Vim de ônibus.

William Gonçalves Cardoso
(Osvaldo Cruz)

A grandeza de um evento

Falar da Semana Euclidiana é tão difícil quanto falar de nós mesmos. Dada a complexidade de ambas as tarefas, é perfeitamente compreensível todo tipo de equívoco, bem como qualquer colocação que não seja bem expressa.

Mas não delonguemos a introdução. Diante da proposta de comentar a SE de forma geral, e da sua repercussão em São José em particular, esbarramos em prós e contras que refletem toda a grandeza do evento. Uma grandeza, aliás, que, em si, já nos remete a divagações maiores. Trata-se de uma grandeza edificada sobre ruínas. Diante do desprezo cultural no qual o país se aflige, manter um evento por tanto tempo é, no mínimo, digno de atenção.

Grandeza edificada sobre ruínas é, também, o adjetivo cabível à própria obra debatida na SE. “Os Sertões”, Canudos, Antônio Conselheiro, o próprio Euclides, o sertanejo, enfim, são todos elementos que, em si, de pouco valem, tal como se fossem pingos, gotículas de chuva dispersas em cantos

diferentes e distantes.

Mas a SE é uma chuva que não atinge a todos. Uma coisa é você criar um evento que seja aberto ao público, e outra, completamente diferente - e mais, muito mais difícil - é você dar condições de todos participarem desse evento.

Mas esse é um assunto que merece analista mais experiente e imparcial. Sendo riopardense nato sou suspeito tanto para elogiar a SE quanto para criticá-la.

Cabe a nós debruçarmos sobre a SE, unidos, para fazer com que ela seja uma grandeza construída sobre grandezas maiores ainda. Fazer com que a SE, bem como o seu espírito de reflexão acerca dos problemas sociais do Brasil, seja atingível a todos, e que todos, aos poucos, se conscientizem da importância de tudo aquilo que é discutido durante a SE.

Paulo Herculano (São José do Rio Pardo)

ARTIGOS

O que levamos da SE

Oi, turma, tudo “well”?

Claro que não, afinal a SE acabou e tudo voltou ao que era antes, ou melhor, nem tudo.

Ainda bem!

Nós já não somos os mesmos que éramos no dia 8 de agosto de 1994. Fizemos novos amigos e muita zoeira, mas não foi só isso. Aprendemos o que é “strike”, “caverna”, “fudega”, e à nossa bagagem cultural somamos os “Cânticos Euclidianos”, tudo isso regado a uma grande paixão por Sanzé.

A sensação ao terminar uma SE é sempre a mesma, mas com o passar dos anos e das SE’s descobrimos que sempre há esperanças de um novo encontro no próximo ano.

Participando desde 1980 vi muitos amigos ao longo desses anos continuarem em contato, como vocês tiveram a oportunidade de conhecer. Outros permanecem apenas na lembrança e alguns (pasmem) até já partiram deste mundo. Mas o que importa é o que levamos para nossas vidas de um encontro como esse.

Dentre aulas, palestras e conferências aprendemos muito sobre companheirismo, solidariedade e

respeito. Acredito também que deu para perceber que não há uma verdade única e que ninguém pode querer ser dono dela. Saber conviver com aqueles que não compartilham da mesma opinião que a nossa não é fácil, mas é uma lição de respeito e humildade que temos obrigação de aprender, mais cedo ou mais tarde.

Quanto à obra de Euclides da Cunha estou certa que muito dela todos nós temos que estudar, mas já deu para perceber algumas coisas, principalmente com relação aos problemas sociais deste país. As denúncias feitas no século passado e início deste continuam atuais. É como se dissessemos “a história se repete” (ou nunca mudou).

E por falar em “a história se repete”, não vamos nos esquecer em momento algum que estamos despertando para uma nova consciência. Em outubro/novembro teremos eleições, fiquemos alertas, não nos deixemos enganar por boa aparência, falar eloqüente ou falsas promessas, não vamos permitir que a história se repita.

Um grande beijo a todos cheio de saudades.

Rachel Ap. Bueno da Silva (Campinas)

A força da juventude

Antes que pareça redundante, este texto se pontua pela necessidade de mostrar aos novos maratonistas - nossos filiados a partir da SE-94 - alguns acontecimentos que têm marcado as relações (?) entre nossa AAEE e a diretoria da Casa Euclidiana.

Todos os maratonistas de 1993 ainda se lembram dos embates que caracterizaram aquela “Semana”. Interessada e disposta a contribuir para o enriquecimento qualitativo do evento, fazendo dele palco de discussões mais abrangentes, nossa AAEE convidou pessoas insuspeitas e de alto gabarito intelectual para desenvolver um

ciclo de estudos. Inicialmente previsto para constar na programação oficial, nosso esforço acabou boicotado inexplicavelmente pelos coordenadores oficiais, pelo jeito receosos com a dimensão e inovação incutidas na nova proposta. Temeu-se pela perda do controle do evento, hoje limitado a uma esfera de influência e repercussão quase que somente regional, servindo principalmente para massagear os egos do pseudo-intelectualismo que se apoderou das rédeas de sua realização.

Tachado de “alternativo”, “paralelo” e “ilegítimo”, aquele

ciclo foi um sucesso, observadas as circunstâncias que permearam sua existência. Palestrantes como Paulo Sérgio Pinheiro, Francisco Foot Hardman, Edgar Carone, Luís Sérgio Modesto e outros contaram com a presença de entusiasmados maratonistas, que também acharam mais interessante o paralelo traçado entre o massacre de Canudos com o dos 111 presos do Carandiru, e o dos meninos da Candelária. Mais interessante do que só saber dia, mês e ano do nascimento e morte de Euclides da Cunha. Corajosos, esses maratonistas desafiarão as punições anunciadas, e passaram

incólumes pela presença ameaçadora postada na entrada do local onde as "duas" Semanas se realizaram, qual guardiã medieval da tradição intocável. Tentou-se impedir ocasionais desvios de rotas paralelas que acabaram sendo freqüentes.

Apesar de conturbada, a SE-93 foi a mais produtiva entre as cinco últimas realizadas. Provou-se definitivamente que muitas pessoas que não são necessariamente "euclidianos de carteirinha" têm muito a contribuir para transformar o evento em algo maior, foro de discussões, debates e reflexões que partam sim da valiosa e inegável obra euclidiana, mas transcendam seus limites de forma a englobar as situações do Brasil e do mundo hoje!

O temor de perda que vem acompanhando os diretores da SE é, no entanto, plenamente coerente e sério. Eles estão perdendo de fato algo extremamente importante, mas que não está nada relacionado ao controle absolutista da "Semana". O que está se perdendo é a oportunidade valiosa de compor com o jovem que de uma forma ou de outra mantém estreito relacionamento com o euclidianismo. Aquele mesmo jovem "alienado" da

geração Coca-Cola que pintou a cara e impediu um presidente e, por isso, desautorizou o uso do adjetivo anterior. "A gente não somos mais inútil!", dizia o cartaz, mas o pior cego é aquele que não quer ver, nem que seja o óbvio ululante.

Desperdiça-se irresponsavelmente e inconseqüentemente a chance de movimentar uma força interessada, disposta e de grande vitalidade. Entre a riqueza resultante da soma da experiência e tradição dos antigos euclidianos com a disposição dos novos, infelizmente eles parecem preferir ficar apenas com a primeira parcela. Guimarães Rosa, nosso maravilhoso escritor, disse uma vez: "...- A juventude? É uma maravilha. A juventude é quase tudo. É a humanidade e a esperança recomeçando." Talvez a Semana Euclidiana esteja fadada a não recomeçar se depender deles, mas nós, maratonistas "subversivos", continuaremos subvertendo a ordem e resistindo aos baldes d'água fria jogados. Porque o que está em jogo é muito mais importante do que os aplausos consagrados (?) da Academia Jundiense de Letras. Continuaremos sempre na luta e do lado certo da luz!

Daniilo M. Peroni (Franca)

Esclarecimento

A partir de algumas respostas encontradas no questionário que A AEE enviou aos maratonistas de 94, desconfiamos que muitos colegas confundem A Associação com os organizadores da Semana Euclidiana. A SE é de inteira responsabilidade da Casa Euclidiana, e nós não tivemos nada a ver com a coisa, mesmo porque não nos permitem qualquer participação.

Nível d'O Berrante

Outubro é o mês de aniversário d'O Berrante, que completa dois anos. Como presente aos leitores, criamos nesta edição o **Caderno de Idéias & Ideais**, desde já aberto à participação de todos, a exemplo do que ocorre no restante do jornal. O novo caderno pretende ser um espaço aberto aos temas políticos, sociais, econômicos, culturais, artísticos etc etc etc.

Diretores d'A AEE são agredidos durante SE

Os diretores d'A AEE que estavam no Baile de Encerramento da Semana Euclidiana tiveram que se retirar do salão mais cedo. É que lá pelas tantas eles foram agredidos (verbalmente e fisicamente) pelo filho de Álvaro Ribeiro Neto, diretor da Casa Euclidiana, e que também se chama Álvaro. Muito alcoolizado, ele ofereceu resistência aos seguranças que tentaram retirá-lo. A agressão aos diretores prosseguiu, e o presidente André Luiz acabou revidando. Álvaro teve que ser retirado à força pelos próprios amigos.

Procura-se um ilustrador

Você quer ser desenhista e caricaturista d'O Berrante? Então nos escreva. Precisamos de colaboradores na área. Para conferirmos o seu talento, mande-nos dois desenhos: um retratando algum personagem conhecido do mundo político. Outro, retratando Euclides da Cunha, mas SEM SACANAGEM! Os melhores trabalhos serão publicados.

"HERRAMOS"

A *Semaninha de Franca*, em 87, foi preparatória para a SE/88, e não para a SE/87, como dá a entender a matéria 'Ou progredimos ou desaparecemos' (O Berrante 4, págs. 6-7).

A SE/94 foi a 82ª, e não 83ª, conforme anunciado na pág. 5 d'O Berrante 4.

PROJETO HERMA

Em Franca, o reencontro dos maratonistas

É o primeiro de uma série de eventos que A AEE pretende fazer nessa e em outras cidades

Está no ar o Projeto Herma (H-encontro Regional dos Maratonistas). Criado no ano passado, o Projeto ainda não vingou, mas agora pode ser uma boa oportunidade para ele decolar. A organização de encontros periódicos durante fins-de-semana foi a proposta quase unânime entre as sugestões feitas pelos maratonistas.

Franca foi a cidade escolhida desta vez, e o Encontro será realizado em 26 e 27 de novembro. Apesar de ser regional, o evento está aberto a todos os colegas que

desejem participar. Se é o seu caso, entre em contato com o Daniilo (nosso diretor que mora em Franca), pelo telefone (016) 722-9816, ou escreva para a nossa Central de Informações.

A princípio o Encontro incluiria um evento cultural aberto aos estudantes de Franca (uma mini-Semana Euclidiana), conforme já fizemos em novembro de 1987. A "Semaninha" de Franca serviu para selecionar maratonistas que participaram da SE-88, além de difundir o euclidianismo na região. A AEE, desta vez, elaborou um projeto e o enviou para a Prefeitura Municipal de Franca e dois colégios da cidade (o Objetivo e o Oswaldo Cruz - COC). O projeto foi bem recebido, mas acabou encontrando algumas dificuldades de patrocínio. Além disso o tempo passou a ser exíguo para se

contactar palestrantes de nível (como também propusemos para o Ciclo de Estudos da SE). Dessa maneira, o Encontro Cultural de Franca só deverá ser realizado em março.

Indefinição do evento atrasa o jornal

O fechamento desta edição d'O Berrante foi retardado até que se tivesse uma definição sobre a realização ou não do Encontro Cultural. Somente no início de novembro é que se decidiu adiar a proposta e marcar apenas um encontro social dos maratonistas. Pedimos desculpas aos leitores por esse atraso.

?????

E a SE-95?

Nestes difíceis tempos pós-Cânticos, não há como se prever como será a participação d'A AEE na Semana Euclidiana de 95. Durante a SE deste ano A Associação se reuniu com autoridades riopardenses da área cultural, como o vereador Agenor Ribeiro Neto, e as perspectivas de implantarmos nossas idéias eram boas. Mas isso foi antes das músicas causarem todo aquele auê. "A participação do grupo [d'A AEE] na Semana é fundamental, mas necessita, agora, de uma retomada de negociações", disse Agenor em entrevista à *Gazeta do Rio Pardo*. Veremos.

Encontro Regional dos Maratonistas Franca, SP 26 e 27 de novembro

Informações: tel.: (016) 722-9816, c/ Daniilo (ou escreva - rapidinho - para a Central de Informações)

PRODUTOS

Camisetas d'A AEE estão à venda

Por apenas oito reais você já pode entrar no reino dos céus



Vista a nossa camisa! Ela já é uma realidade. A Associação a colocou à venda por um preço único de **R\$ 8,00** (oito reais). Para adquiri-la é simples: preencha o cupom que está no pé desta página. Junto com ele, mande um vale-postal no valor acima indicado (para cada camiseta) em nome de Marcelo José Abreu Lopes. Para atender as regras dos Correios, não abrevie nenhum nome, caso contrário não conseguiremos receber o dinheiro. O endereço é

A Associação incentiva a correspondência entre os sócios

Atendendo a pedidos, a partir da próxima edição estaremos abrindo uma seção de anúncios de maratonistas que desejam trocar correspondência com outros colegas. Se você quer participar, basta

Rua Antonio Abdo, 99, V. das Mercês, CEP 04164-060, São Paulo, SP. *O preço estipulado não inclui as despesas de envio.*

Além da camiseta oficial d'A Associação (que possui o nosso logotipo na frente), estamos vendendo também a camiseta do **MOREC** (Movimento Revolucionário Euclides da Cunha, "o braço armado d'A AEE" - *layout* ao lado). Antes que a soldadesca defensora do culto euclidiano (*sic*) se exalte, é preciso esclarecer o seguinte: o **MOREC** é uma entidade fictícia, viu? Ela surgiu, há anos, como uma resposta irrevemente aos rótulos que recebemos (e continuamos recebendo) dos "inimigos" ao longo dos tempos ("comunistas", "radicais", "subversivos", "destruidores do culto euclidiano" - *sic*, de novo - etc). O preço da camiseta do **MOREC** também é R\$ 8,00.

nos escrever autorizando a publicação de seu endereço, e contando quais são as suas preferências.

Para o futuro, A AEE planeja publicar um guia contendo o endereço de todos os maratonistas.

A ASSOCIAÇÃO DE ESTUDOS EUCLIDIANOS

Desejo adquirir:

() A camiseta d'A Associação (Qtde.:) - () A camiseta do MOREC (Qtde.:)
Tamanho: () P () M () G () GG

Nome: _____
Endereço: _____
Cidade: _____ UF: _____ CEP: _____

Mande junto com este cupom um vale-postal no valor de **R\$ 8,00** (por camiseta), em nome de Marcelo José Abreu Lopes (não abreviar). Rua Antonio Abdo, 99, V. das Mercês, São Paulo, SP, CEP 04164-060. *O valor acima estipulado não inclui despesas de envio.*

NOVOS SÓCIOS D'A AEE

Durante a SE/94 A AEE fez 46 novos sócios: Agenor Ribeiro Neto* (São José do Rio Pardo), Patrícia Fernando Boro* (Campinas), Wanderléa Sad Ballarini (Franca), Rachel Lanza Finatti (Franca), Paulo Araújo Prado (Franca), Ricardo de Castro Paganucci* (Cristais Paulista), Cristiane Pereira Ropero* (São Paulo), Flávia Cristina Fanelli* (São João da Boa Vista), Giovana Ciacco de Melo* (São João da Boa Vista), Melisa Gião Marques* (Mogi Guaçu), Niédila do Carmo Aguiar (Mogi Guaçu), Vivian Rondon (Mogi Mirim), Sílvio Eduardo Pasquini* (Rio Claro), Alessa Siviero Hungria Cecci (Franca), Patrícia Barros Moreira* (Campinas), Janaina Cristina Silveira* (Campinas), Thiago Romeira Menegão* (Campinas), Samia Amin Abdo Elhmid (São João Del Rei), Nádia Maria Martins* (São Paulo), Valéria L.C. Ferrari* (São Paulo), Tobias Barros Ismério (Cantagalo), Fábio Freire Peres* (Itú), Mariana Pereira de Oliveira* (Cordeirópolis), Rodrigo Fraga Leandro de

Figueiredo* (Mogi Mirim), Lilian Spalding de Paula Monteiro (Itú), Priscilla G. de L. Gomes (São Paulo), Elisângela C. Bannwart* (Campinas), Miguel Orlando da Silva* (São José do Rio Pardo), William Gonçales Cardoso (Osvaldo Cruz), Paulo C. Rosseto* (Caconde), Emerson Borges de Sousa* (Caconde), Lívia Santiago Peroni* (Franca), Paulo César Rabelo Flores (Cantagalo), Marcilene Regina Blanco* (Lençóis Paulista), Simone Calderari* (Vargem Grande do Sul), Dilzaleia Cristina Angélico* (Lençóis Paulista), Carlos Tadeu Carvalho Azevedo* (Cantagalo), Marcelo Antonio Ribeiro* (Caconde), Hildete Martins Moreira* (São João Del Rei), Rachel Ap. Bueno da Silva* (Campinas), Gustavo Oide Nakabayashi (Campinas), Luciano César da Fonseca (Caconde), Patrícia Judite Jardim Gardelo (Cantagalo), Rodrigo Simão Alvares (Ourinhos), Fábio Marcelo Pires de Andrade (Rio Claro) e Irani Pereira de Souza (São João da Boa Vista). Após a SE/94 A AEE já ganhou mais 17 sócios:

Emilene Oliveira de Souza (Itú), Mônica Oide Nakabayashi (Campinas), Viviane Martins de Andrade (Cantagalo), Leila Lotti Marques de Oliveira (São José do Rio Pardo), Carla Cristina Hartung (Rio Claro), Maria Cecília Hitomi Kuzuoka (Rio Claro), Maria Célia Satiko Kuzuoka (Rio Claro), José Gabriel Bloes de Meira (Itapetininga), Elisângela Gicos de Andrade (Botucatu), Elizabeth Aparecida de Oliveira (São João da Boa Vista), Daniela Bianchini (Jundiaí), Luís Fabiano E. Bernardes (Campinas), Cláudia Pacheco (Tambaú), Daniella Serrano Martelletti (São Paulo), Dirceu Villa Nova Pinto* (Cantagalo), Lucimar Barros Gomes (Cantagalo) e Marta Andréa Pasquini de Castro* (São Paulo).

Pede-se daqueles que estejam indicados com um asterisco que enviem o quanto antes uma foto 3x4, para regularizar a situação com nossos cadastros. Caso já o tenham feito, desconsiderem este pedido. A todos, boas-vindas ao reino dos céus!

A ASSOCIAÇÃO DE ESTUDOS EUCLIDIANOS

Ficha de inscrição de associado

Nome: _____
Endereço: _____
Cidade: _____ UF: _____
CEP: _____ Tel.: (____) _____
Data de nasc.: _____ RG: _____
Profissão: _____ Participou da SE: () S () N,
no(s) ano(s) de: _____, na função de: _____
Assinatura: _____

Foto
3x4

Notícias das Cavernas

CAMPINAS - Em toda SE aparece cada figura!

Esse ano, entre tantas que surgiram, duas estão dando trabalho em Campinas. São elas, digo eles, o Laleska (conhecido também pela alcunha mentirosa de "Punhetinha"), e o Beleléu.

Laleska iniciou um programa intenso de nutrição para um dia crescer e ficar forte como o Humberto da Silva Sauro, e o segundo chora pelos cantos de saudades da Rosaura Escobar ("Vovó").
Pode?!

Enquanto isso, lá em São João Del Rei, terra de Tancredo, mas também a terra da Sâmia (a Margarida), o momento é de consciência política. Durante as eleições ela

ficou pelas ruas da cidade dando... o folheto "E se depender de você?" (reprodução abaixo), numa campanha junto à população em prol de um voto consciente.

Nosso presidente André estourou o pezinho. Ficou, literalmente, capenga e manquitolá.

A EPTV de São Carlos (retransmissora da Globo) nos procurou para saber nossa opinião sobre a "polêmica" dos *Cânticos Euclidianos*. É o "Febeapardo"...

Não haverá *Cânticos Euclidianos 2*.

E SE DEPENDER DE VOCÊ?

Você seria capaz de jogar fora algo conquistado com luta, sangue e lágrimas? Ou preferiria assegurar esta conquista e até ampliá-la?
Conforme for sua resposta, será sua atitude nas próximas eleições, pois esta conquista é o voto.

Este é o momento em que o povo de fato tem o poder nas mãos. Para tomá-lo tudo farão para nos enganar.

A melhor resposta aos desonestos e votar bem e isto significa:

- ✓ Informar-se bem.
- ✓ Escolher o melhor possível.
- ✓ Acompanhar o candidato eleito e dele exigir o cumprimento das promessas sob pena de votar ou não novamente nele.
- ✓ Não vender seu voto, pois vendendo-se permite a continuidade da corrupção, prejudicando a todos, mesmo que você ganhe algo.
- ✓ Não votar nulo ou branco, pois isto é omissão e não quer assumir responsabilidade e dar chance aos corruptos de se elegerem, pois se votaram quem os apoia e achar que nossos atos não atingem os outros.
- ✓ Dos novos candidatos procurar conhecer seus planos e como vão executá-los.
- ✓ Dos candidatos a reeleição veja como trataram a saúde, a educação, a segurança, o desemprego, a moradia... e quem os apoia, dando sua resposta por umas...

Vote consciente. Participe. Acredite, pois só os que estão bem é que não pensam e não querem mudanças. A escolha e sua, as consequências são nossas.

Alunos de Filosofia da E.E. "Dr. Garcia de Lima"

APOIO

Direção de Escola Estadual Dr. Garcia de Lima



Moda Feminina Exclusiva

O Berrante

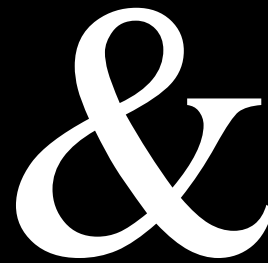
Central de Informações d'A AEE - O Berrante - Redação: Rua Antonio Abdo, 99, V. das Mercês, CEP 04164-060, São Paulo, SP, tel.: (011) 946-5573.

Editor responsável: Marcelo Lopes. Editora adjunta: Andréa Pasquini. Secretária de Redação: Luciana Martinez. Correspondentes - Sucursal Oeste Paulista: William Gonçales (Osvaldo Cruz), Sucursal Nordeste Paulista: Léa Ballarini e Danilo Peroni (Franca), Sucursal Rio Pardo: Paulo Herculano. *Diretoria d'A AEE* - Presidente: André (São Paulo), 1º-2º-3º vice-presidente: Humberto (São Paulo/Franca), Secretário Geral: Mário (Botucatu), Secretária Adjunta: Raquel (São Paulo/São José do Rio Pardo), 1º tesoureiro: Newton (São Paulo), 2º tesoureiro: Newber (São Paulo/Botucatu), Diretores: Marcelo (São Paulo), Danilo (Franca), Rildo (São Paulo), Elvis (Brasília).

Números atrasados e correspondência em geral: contatar a Central de Informações. Cartas e artigos enviados para publicação poderão ser editados em função do espaço disponível. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal. Tiragem: 170 exemplares.

Caderno de

IDÉIAS



IDEAIS

O Berrante

Ano III - Nº 5
Outubro/1994

HISTÓRIA

Belo Monte, 101 anos...

O mês de outubro marca o aniversário de Belo Monte (rebatizada de Canudos). Cresce, cada vez mais, o interesse das pessoas por um dos capítulos mais fascinantes da História brasileira.

Já passou mais de um século e, definitivamente, Belo Monte - ou Canudos, na voz dos poderosos - não se rendeu. Belo Monte era bem mais do que uma cidade. Representava um sonho coletivo de um mundo justo, onde havia terra e trabalho para todos. A cidade foi "expugnada palmo a palmo", como disse Euclides. Suas ruínas foram submersas pelas águas da hidrelétrica de Paulo Afonso. Mas o sonho continuou. Resistiu às quatro expedições (ou cinco, já que a quarta, à beira do colapso, só conseguiu reverter a situação ao receber na hora "H" um reforço de três mil homens). Resistiu ao esquecimento das águas e às agruras da seca e da miséria. A Canudos de ontem está viva no espírito do sertanejo de hoje.

101 anos depois de fundada por Antonio Conselheiro, às margens do Vaza-Barris, a cidade é considerada o palco de um dos acontecimentos mais excitantes de nossa História. É crescente o número de pesquisadores, intelectuais em geral e artistas, que têm se interessado pelo assunto. Belo Monte - o verdadeiro nome que vai se resgatando - está sendo

revisitada em todos os aspectos. Já se foi o tempo em que os rebeldes sertanejos eram tratados pela historiografia como adversários da República, bem como o tempo em que eles eram caracterizados como meros “fanáticos religiosos”. O messianismo é, sem dúvida, uma questão chave para se compreender Canudos. Mas não basta. É necessário que se reflita sobre as suas causas conexas.

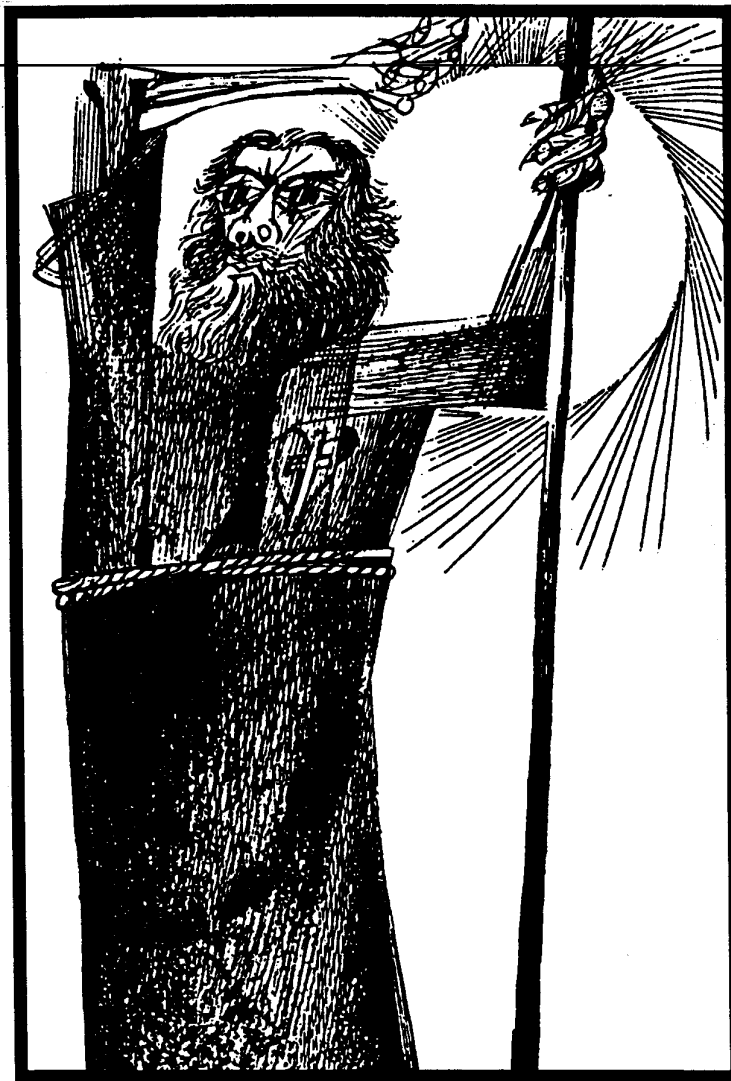
A primeira reflexão - e talvez principal - está sendo feita pelo próprio sertanejo. Mais do que ninguém, ele sabe do valor histórico e social da experiência liderada pelo Conselheiro. Eles mesmos agiram, inconscientemente até, como verdadeiros historiadores, lutando para preservar a memória da antiga cidade. Os moradores

da atual Canudos (município desmembrado de Euclides da Cunha na década de 80, e situada num local próximo à original) passaram a reunir e guardar objetos remanescentes da Guerra, numa espécie de museu. Até hoje é muito comum encontrar nas cercanias

marcas e indícios do conflito, tais como cápsulas vazias de projéteis.

Anualmente o sertanejo revive a história canudense. Desde 1988, sempre em outubro, ocorre na região uma romaria para lembrar e comemorar a fundação da cidade. No ano passado, quando ela

completou um século, participaram da caminhada milhares de pessoas, gente que é marginalizada pelos que detêm o poder, e sofrem com a falta d'água, a fome e, principalmente, com os conflitos de terra. No ano passado osromeiros se reuniram junto à Cruz



Antonio Conselheiro é um personagem que cada vez mais fascina os historiadores

do Conselheiro (ali fincada pelo próprio), saíram em carreta até Bendegó (20 km de distância) e seguiram a pé por mais oito até o açude de Cocorobó. Celebrou-se uma missa no local e se fez uma encenação teatral lembrando o Conselheiro.

Enquanto isso, livros, teses e estudos diversos sobre Canudos vão sendo feitos. Por ocasião do centenário da cidade, a *Revista USP*, em sua edição número 20, publicou o “Dossiê Canudos”, com quase 100 páginas de textos assinados por pesquisadores e escritores como José Calasans, Paulo Dantas, Renato Ferraz, Walnice Nogueira Galvão, Maria Isaura P. de Queiroz e Jorge Coli. São debatidas a figura do Conselheiro (incluindo cópia do relatório feito por Frei João Evangelista, que em 1895 foi enviado pela Igreja a Canudos, com o objetivo de “pacificar” o povoado), a questão do sebastianismo no movimento messiânico canudense, a realidade sertaneja, e a configuração do sertão nas obras de Euclides da Cunha e Guimarães Rosa, entre outros temas.

Na última Bienal do Livro de São Paulo, em setembro, também havia à disposição variado material sobre Canudos para todas as idades. Até crianças poderiam



CANUDOS, UMA UTOPIA NO SERTÃO - José Antônio Sola. Ed. Contexto, 2ª ed., 1991. 80 págs. R\$ 5,00

REVISTA USP - nº 20 - Dez. 93/Jan. Fev. 94. Coordenadoria de Comunicação Social da USP. 162 págs. R\$ 7,00

conhecer a História, através de livros ricamente ilustrados que contavam de forma simples, mas profunda, quem foi Antonio Conselheiro e o que aconteceu no sertão da Bahia.

Para os iniciantes de nível secundário, uma boa dica é o livro do professor, historiador e escritor José Antônio Sola, *Canudos, uma utopia no sertão*. Sola, um “fascinado” pelo tema, descreve, em linguagem bastante acessível, todos os acontecimentos ligados a Canudos, desde os seus precedentes até o último casebre destruído pelo Exército ao final da Guerra.

Com lançamento previsto no Brasil para o começo do ano que vem, o filme *Os Sete Sacramentos*

de *Canudos*, produzido pelo alemão Uli Mueller e dirigido por sete cineastas brasileiros, traz uma aproximação muito grande entre o passado histórico e a atualidade, onde os problemas sociais ainda são enfrentados com a força bruta da repressão. Às vésperas de uma intervenção militar nos morros cariocas, imediatamente vem à memória um dos episódios do filme, *A comunhão*, dirigido por Sandra Werneck, e destacado pel’*O Berrante* em sua última edição. Sandra faz exatamente uma analogia entre Canudos e as favelas do Rio. Guardadas as devidas proporções e deixando de lado o trocadilho, seria o morro um novo Belo Monte? É coisa para se pensar...

IMPrensa

Tentações totalitárias

Arrogância põe em xeque a ética jornalística

O Brasil viveu duas décadas mergulhado na tragédia da ditadura (a última), quando as paixões político-ideológicas foram sufocadas pela censura. Agora, com a retirada do véu obscurantista, voltamos a conviver com a democracia. As paixões, antes reprimidas, explodem com força e, não raro, os ânimos de radicalizam, denunciando a existência de resquícios do autoritarismo. Foi-se o regime, ficou a sua cultura. Esses resquícios ainda permeiam as atividades de nossa imprensa. Os “filhos da Revolução” lotam as redações. Participam do exercício das liberdades democráticas - que justamente propicia o seu aperfeiçoamento. Erram aqui, acertam mais adiante. Passo a passo, aprendem a ganhar e, sobretudo, a perder. A imprensa, hoje, participa ativamente da História política deste país. Volta e meia, entretanto, o autoritarismo reaparece.

Nesta época de eleições (a maior que já tivemos), as paixões político-ideológicas se acirram. A isenção na cobertura jornalística, muitas vezes, vai para o espaço. Isso ocorre entre aqueles que realmente são parciais, e também entre aqueles que querem mostrar que não são (não vou ficar filosofando sobre a existência ou não da imparcialidade. Não é o caso).

A imprensa representa o Quarto Poder. Como em qualquer outro, o seu exercício traz o perigo intrínseco das tentações totalitárias. De repente o jornalista pode achar que faz e acontece e, pior, que domina a verdade. Dai vem a presunção de querer catalogar o mundo (e neste caso específico, os candidatos) em certo/errado, bom/ruim, moderno/atrasado etc etc. Trata-se de uma arrogância maniqueísta preocupante. O seu tom já é dado pelas próprias campanhas eleitorais. Fernando Henrique era colocado como o “bom”, o “moderno”. Lula era o “ruim”, o “atrasado”, ao mesmo tempo em que tentava se mostrar representante da “verdade”, em oposição à “mentira”, personificada na candidatura tucana. São todos conceitos ideológicos que a imprensa usa para definir as próprias regras daquilo que é certo e errado, e que elas adaptam de

acordo com as necessidades do discurso. Nesse caso, Lula era combatido por usar um carro de som da CUT. Mas a imprensa não chiou quando FHC recebeu apoio oficial e documentado da Força Sindical.

O jornalista que se vê no Olimpo, mas não quer ser taxado de parcial, acaba fazendo ainda pior. No esforço (quase doentio) de apregoar (legitimar) uma suposta independência política, eles fazem uso de uma metralhadora giratória: atiram para todos os lados. A receita do jornalismo ético (?) e sem o rabo preso é meter o pau em todo mundo. É o jornalista acima de tudo e de todos, no cúmulo de sua arrogância, e que ainda se justifica em nome da liberdade de expressão! A ética que se dane.

O resultado disso é o “denuncismo”, onde o mais importante não é a denúncia em si, mas a necessidade diária de se denunciar. No calor imediato da campanha, as corretas apuração e comprovação dos fatos são freqüentemente desprezadas. A imprensa, numa só penada, denuncia e condena sumariamente à execração pública, transformando o Quarto Poder num tribunal supremo, onipotente, intangível, inquestionável e de exceção.

Antes de encerrar, é necessário um alerta aos patrulheiros ideológicos. Não há, aqui, intenção alguma de defender qualquer partido ou candidato. Há, sim, a preocupação de defender os princípios éticos que devem nortear o exercício jornalístico (dentro e fora de uma campanha eleitoral, se diga de passagem). Muitos foram os casos, alguns extremamente absurdos, em que isso não foi respeitado. Não vou ficar dizendo que a mídia favoreceu candidato A ou B. Seria tocar em um só lado da ferida e, talvez, engrossar o coro das paixões maniqueístas. O que desejo dizer é o seguinte: a ética vai mal. Estão em alta a arrogância e o totalitarismo. Abram os olhos.

Marcelo Lopes
(Editor d'O Berrante)